A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; G. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Consumiu-se a semana inteira a pedir para os infelizes da Andaluzia. Uma perfeita febre de caridade sem precedentes. Caridade official, caridade dos bombeiros, do povo, do exercito, do clero, da burocracia, do commercio, da nobreza e da imprensa.

Os que não queriam ou não podiam ser caridosos tiveram de ir na onda, levados pelo receio de fazer triste figura. A par da caridade verdadeira e genuina, um poucochinho de *pose*. E' sempre assim.

A chronica desagradará talvez a muitos, tentando pôr diques a esta corrente de philantropia, que se alastra por todo o paiz, desde Melgaço até ao Cabo de S. Vicente, mas a chronica tem obrigação de ser justa e rasoavel; deve dizer com desassombro tudo quanto pensa ácerca d'este delirio caritativo provocado pelos terremotos de Hespanha.

A generosidade portugueza vae attingindo umas proporções incompativeis com a nossa extrema penuria. Isto já não é ser generoso: é ser prodigo.

Ha mais de quinze dias que estamos a esvasiar a bolsa nas mãos de quantos philantropicos se arvoram em salvadores da Andaluzia arruinada. Surgem de toda a parte, apparecem-nos a cada canto, accommettem-nos de frente a cada esquina, e reputam-se offendidos se os não attendemos, se lhes não deitamos na bandeja a ultima corôa das nossas economias.

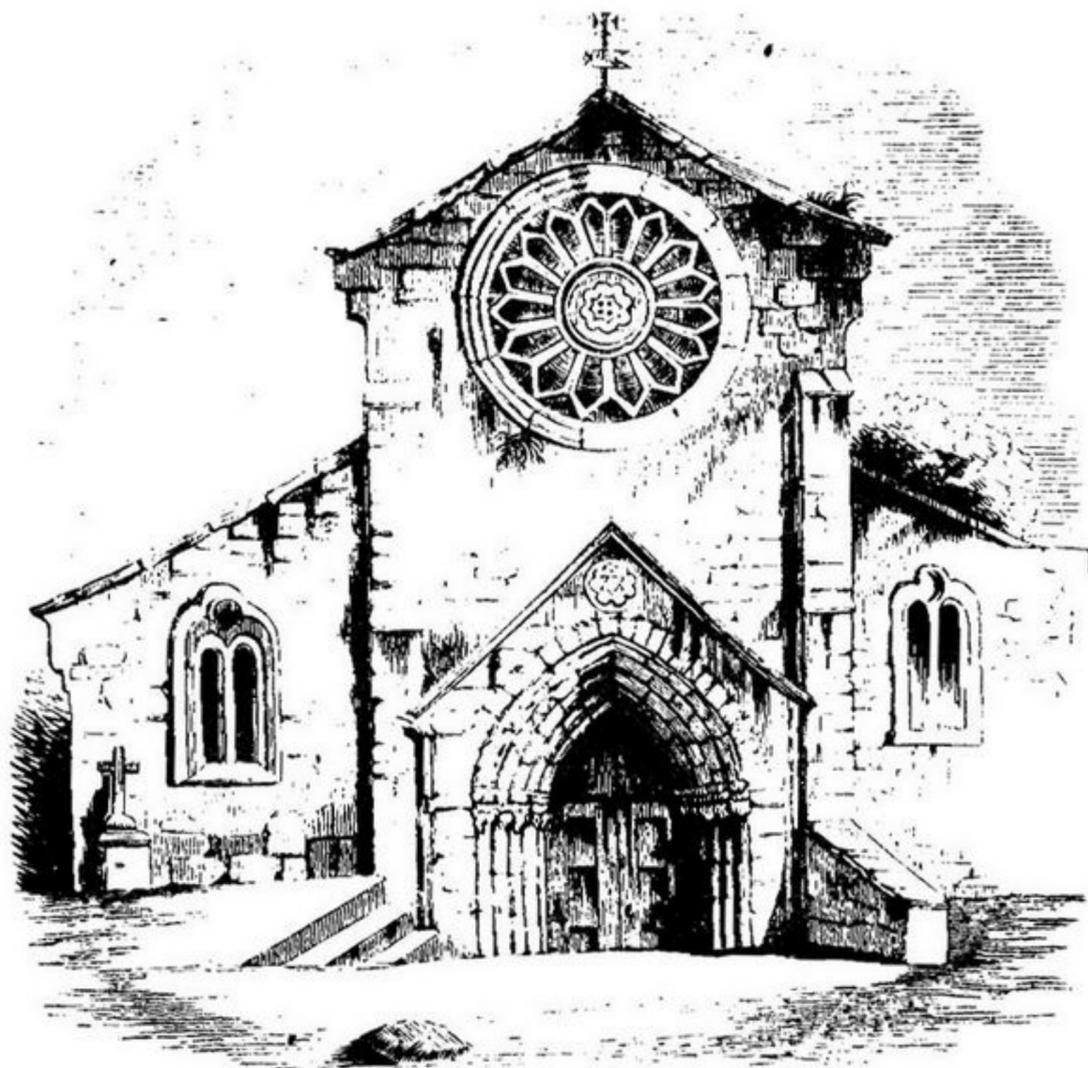
—Eu já subscrevi, meu caro amigo!

—Não importa. Subscreva outra vez. E' uma bonita acção!

—Mas...

Tlim, papo! Cinco tostões mais para as victimas de Granada.

Elle é a boa *quête* nos theatros, feita por bombeiros fardados a por [sic] actrizes bonitas; elle é a subscripção do bairro, da freguezia e do barbeiro; elle é o convite rhetorico das emprezas theatraes para assistirmos aos seus espectaculos; elle é tudo.

Depois adivinham-nos a morada. O correio não tem mãos a medir. A cada instante chega uma carta envolvendo um pedito-

THOMAR, SANTA MARIA DO OLIVAL

rio... cartas palavrosas, estylo de candidato a pedir voto... phrases elegiacas de fazer bailar a lagrima ao canto do olho... muita cantata... muito logar commum... appellos á nossa *proverbial generosidade*, madrigaes sediços e estafados aos nossos sentimentos humanitarios .. um inferno!

E não ha fugir a esta febre que se apossou do nosso indigena. Está escripto que despejemos os bolsos sobre os escombros da Andaluzia arrazada.

Aos abalos terrestres da Hespanha seguir-se-ha fatalmente a miseria de todos nós, mas como é uma bonita acção dar a camisa do corpo a quem não a tem, fiquemos sem camisa, e *viva la gracia!*

Ora sejamos francos, porque a franqueza não obsta a que se exerça uma caridade bem entendida: isto vae-nos parecendo supinamente ridiculo e enormemente perigoso.

Sabem como uma folha parisiense responde a um prurido semelhante de caridade, que se apoderou da capital da republica franceza? Vão ver:

«Logo que uma catastrophe desaba sobre qualquer ponto do globo, apparecem boas alminhas de Deus tocando a rebate, chamando a capitulo os basbaques generosos, e manifestando-se ruidosamente em nome da fraternidade universal.

Ha uma unica cidade no mundo onde rebentam estas sublimes loucuras cosmopolitas: é Paris (1). Nem em Londres, nem em Roma, nem em Vienna, nem em S. Petersburgo, nem em Berlim, nem em New-York se vê a população esvasiar a bolsa para soccorrer um paiz visinho ferido pelo infortunio. Aqui, n'este Paris tão espirituoso como tolo, esquece-se tudo para só se pensar nos soffrimentos exoticos. Os primeiros esquecidos são os nossos pobres, os miseraveis d'esta grande capital.

Este dilettantismo de caridade é um tanto ridiculo, devemos confessal-o. Se teve rasão de ser, n'outras épocas florescentes de plethora, hoje, nos tempos de penuria e de privações em que vegetamos, deve ser posto de parte. Nós não estamos precisamente na época do *Paris-Murcia;* atravessamos a série dos annos magros. A miseria é negra, o futuro ameaçador. Os boulevards acham-se vasios dos nossos tradicionaes visitadores do inverno. Os mendigos pullulam em grande numero. Nos bairros de Paris e de Lyon ouvem-se as queixas dos operarios sem trabalho. E é no meio d'estes gemidos, d'estas torturas dos nossos compatriotas, dos nossos concidadãos, que nós teremos de vir estender a mão, a favor d'algumas centenas de individuos que o governo hespanhol tem obrigação de soccorrer, que soccorreu já? Não será isso roubar á generosidade parisiense o obolo cubiçado com olhos ciumentos pelos nossos pobres?

. . . .

Depois de Szegedin, Murcia; depois de Murcia, Ischia; depois de Ischia, Antequera. Mas quando chegará a vez de Paris, ó Dom Quichotes da beneficencia internacional!»

E' possivel que, sob estas palavras do jornalista parisiense, se dissimule o aspide venenoso da politica, mas é tambem certo que muitos dos considerandos expostos são altamente sensatos e rasoaveis.

Pensemos um pouco da mesma forma. Não nos deixemos arrastar por um dilettantismo de caridade a favor da Hespanha e em prejuizo das miserias caseiras.

Ha por ahi muita lagrima a enxugar, muito infortunio a soccorrer, muita pobresa ignorada a quem estender a mão. O inverno é frio e negro. Pelo mac-adam a mendicidade vagueia esfarrapada e nua. Em milhares de pardieiros immundos a viuvez sem arrimo estala de dôr e de fome. Orphãos descalços e rotos filiam-se inconscientemente na seita do crime, porque não teem pão, nem guarida, nem escolas. Centenas de desgraçadas prostituem-se, á mingoa de protecção e de amparo.

Pois bem: cuidemos de attenuar a grandeza descommunal de todos esses infortunios. Lancemos primeiro um olhar compadecido para essa triste e feia miseria que se nos exhibe de portas a dentro. Iniciemos *quêtes* nos theatros, a favor dos nossos pobresinhos. Enxuguemos os prantos de casa com a esmola nacional, e se alguma coisa sobejar das subscripções publicas, se, depois d'uma divisão escrupulosa dos donativos colhidos, feita por todas as mansardas onde a penuria se acoita, restar algum obolo, pequeno ou grande, levemos esse obolo aos nossos irmãos de Hespanha, despreoccupados de qualquer odio antigo, isentos de qualquer resentimento injustificado.

Teremos, assim, respondido com generosidade nobilissima ao esquecimento que muitos dos nossos infortunios lhes mereceram, sem desviar da pobresa nacional a esmola que de direito lhe pertence.

Primeiro nós e depois a Hespanha, o resto da humanidade.

A proposito d'este mesmo assumpto podia repetir-te o que tu já sabes: que a politica indigena, não perdendo o antigo sestro de ser abelhuda, deu em vasa barris com a ideia do bando precatorio, ideia feliz segundo uns, desgraçada segundo outros. Mas porque tu o sabes, leitora, e porque eu tenho bem fundados escrupulos de fazer reviver uma questão morta, abstenho-me de quaesquer narrativas serodias e inconvenientes sobre o caso.

Tambem não virei, n'este mirante da chronica vedado á politica, dizer-te que a Hespanha, pelo facto de ter reconhecido a Associação internacional africana por meio d'uma convenção firmada em Bruxellas—segundo referio a agencia *Havas*—mereça a recusa total da nossa philantropia a favor d'um punhado d'infelizes granadinos.

As pobres victimas dos terremotos nada teem que ver com os actos politicos do governo Canovas; e de resto, o sermos generosos para quem nos aggride não é coisa que fique mal. Tambem Christo offereceu a outra face . .

*

=Chegou a Sembrich, a famosa violinista, pianista e cantora polaca, que dizem ser rival da Patti, e que produziu verdadeiras convulsões de enthusiasmo no paiz visinho, onde as convulsões do solo não fazem com que a *haute gomme* esqueça os artistas de talento, ou fuja ás delicias do Theatro Real.

Marcella Sembrich appareceu-nos na *Luccia*, cantou o *rondó* final do 3.º acto, como nunca em Lisboa fôra cantado, mas . . .—ha sempre um *mas* esmagador n'estes casos—vestiu o personagem com uma falta de gosto a que os nossos *dilettanti* não estavam habituados.

A's vezes uma questão minuscula de *toilette* é tudo na mulher e na artista. Sembrich podia cantar menos bem e vestir a *Luccia* menos mal.

Como cantora pareceu-nos um portento; como mulher elegante uma desgraça.

A Devriès, que, para nós, tinha o grande defeito de ser casada com um dentista, tem, sobre a sua collega Sembrich, a virtude de saber escolher bem uma *toilette* adequada a cada personagem que define.

D'onde se conclue, até certo ponto, que um dentista não é tão *gauche* e desastrado como o pintam, mesmo quando exerce as funcções de marido d'uma *diva*.

*

=O *Gil Blas* e o *Figaro* já te disseram, certamente, que a heroina parisiense Clovis Hugues foi absolvida. O jury commetteu a insania de declarar innocente uma mulher que proclamou alto e bom som haver assassinado, porque a justiça não podera impôr silencio ao calumniador da sua honra.

Assim é a justiça da França, assim é a justiça de todo o mundo, que deixa quasi sempre sem defeza efficaz a gente honesta, contra os ataques de qualquer miseravel bandido.

Os jornaes francezes teem dito coisas estupendas sobre o caso de madame Clovis Hugues, tentando alguns d'elles investigar como foi que, no cerebro d'aquella mulher digna, germinou o negro pensamento homicida.

Uma folha parisiense, que li ha dias, explica a acção de madame Hugues pela influencia do meio. O deputado Clovis Hugues é um poeta de talento. Compoz versos magnificos, cheios d'inspiração vigorosa. Além d'isso é author dramatico, vive n'uma atmosphera de declamação sincera onde a verdade das coisas se oxida e se decompõe. As suas convicções politicas são ardentes. E' alimentado pelas lembranças soberbas da Convenção, onde o theatral e o sublime se combinam em proporções eguaes. Ora madame Hugues adora seu marido. E' uma mulher intelligente e apaixonada que, por certo, tem partilhado dos trabalhos de seu esposo. E a companheira d'um artista é quasi sempre um collaborador inconsciente, moderador ou conselheiro, em que se infiltram pouco a pouco as idéas do proximo.

D'este modo, madame Hugues habituou-se a julgar as coisas como poeta, dando-lhe um desenlace como qualquer author dramatico. Não se vive impunemente no sonho. Não se habitam debalde as alturas nebulosas da ficção. O sonho e a ficção—segundo o jornal a que nos referimos—obcecaram aquelle cerebro, até ao ponto de o fazerem conceber litterariamente o assassinio.

E isto é tão verdadeiro—continua o psychologo—que tudo foi litterario no crime: a premeditação, a execução, a attitude, e até as phrases pronunciadas pela heroina do Palacio de Justiça.

«Só tive um pensamento: matar esse infame, que quiz ferir-me no que a mulher tem de mais precioso:—a honra!»

«Entrei n'uma loja d'armeiro ao pé do Louvre . . . O coração batia-me com força.»

Etc.

Admittes a explicação do crime? Eu admitto-a até certo ponto, se *Gilberta*, a feliz *Gilberta* das *Instituições*, que priva com a Judic, tu cá, tu lá, e que pode muito bem ter vivido na mais doce intimidade com a gentil Clovis Hugues, não disser que faço mal.

*

=A eleição da Madeira . . . Já não tenho espaço. Tanto melhor.

C. DANTAS.

(1) O jornalista francez não sabe que existe Lisboa.

GARRETT E O SEU TEMPO

III

Os annos de 1823 e 1824 são aquelles em que se opera uma evolução radical no espirito do nosso poeta. A educação classica

desapparece completamente, e o poeta romantico surge em toda a magnificencia das suas manifestações. Foi a sua primeira estada em Inglaterra que operou a transformação.

Tendo embarcado secretamente no vapor *Duque de Kent*, partiu para Falmouth, onde desembarcou, e de Falmouth seguiu para Londres. Ahi, por combinações que o sr. Gomes de Amorim nunca pôde conhecer, combinações feitas porém com os seus companheiros de exilio, deliberou tornar a Lisboa, onde apenas se demorou alguns dias. Effectivamente a policia deu logo com elle, e obrigou-o a abandonar o reino, ameaçando-o com o Limoeiro, ou chegando mesmo lá a encarceral-o. Tornou por conseguinte para o exilio, e foi passar uns magnificos seis mezes da sua vida em Edgbaston, no condado de Warwick, residencia da familia Hadley, que muito se lhe affeiçoára, e a quem elle sempre se mostrou sinceramente reconhecido. Dão testemunho d'isso as notas do poema *Camões*, e, sobretudo, as paginas do seu *Diario de Viagem*, paginas que se tinham conservado ineditas, e que o sr. Gomes de Amorim felizmente intercalou no seu livro. E era uma pena que se perdessem, porque n'essas folhas avulsas, escriptas ao correr da penna, está o cunho do genio do grande escriptor. Veja-se por exemplo esta comparação do Tamisa e do Tejo:

«Não ha ahi comparar os caudaes e formosura d'este rio com a magestade e belleza do Tejo e suas margens. As d'este são rasas, monotonas, e sem mais belleza que a verdura de seus pastos, algumas arvores e casas desparzidas pela planicie. Mas o continuo fluxo e refluxo de navios e embarcações de todos os generos e tamanhos, uns que sobem vento em pôpa, outros que descem bolinando em zig-zagues, outros que sem se lhes dar de ventos ou marés navegam com a mesma facilidade com vento ponteiro ou de servir, praia ou baixa-mar ao som d'agua, ou contra corrente, tudo isto dá ao Thamesis tal animação, vida, grandeza, que bem compensada fica á vista dos serros pittorescos, bosques encantados, e mais bellezas poeticas de que se arreiam as vistosas margens do meu Tejo.»

Quando descreve as contrariedades da sua viagem a Lisboa a bordo de uma escuna, lá transparece na descripção o humorismo a que estamos tão habituados nos seus livros:

«Com effeito o padre Eolo soltou os odres: deixámos a nossa Aulide, e sem precisão de sacrificio de nenhuma princeza de sangue. E o mais é que, se os deuses de Homero nos pedissem alguma victima, estava bem mal a frota, que nosso Agamemnon não tem filhas. Só lhe vejo o recurso de dar em sua vez a cara esposa: o que seria grande allivio nosso e talvez d'elle; tanto a boa Mks Trirey nos incommoda com as suas exquisitices. Mas tem ella tão pouco geito para Iphigenia! Outra princeza aqui temos, que de bem vontade cederiamos tambem—uma hollandeza velha e natural da Asia: mas tudo isto é tão feio que o padre Calchas sem duvida não acceitaria nenhuma.»

Citemos finalmente o ultimo trecho d'esse infelizmente curtissimo *Diario de viagem*:

«A's 7 horas da manhã saí do coche de Birmingham para Londres. As primeiras braças de caminho eram feias e más, porém logo entrámos n'uma bella estrada. O tempo frio, mas sereno, picante o vento, mas sem humidade. Que triste é uma aurora n'este paiz e estação! Os roxos dedos que lhe deu Homero certo que os traz nas luvas com medo ao frio: todas essas perolas e roxos lyrios, e outras cousas tão bonitas, tudo isso aqui ha mister grande força de imaginação para as poder conceber».

E' pena devéras que esse *Diario* se não concluisse e sobretudo que n'elle não deixasse o author as impressões das suas leituras, dos seus passeios, das suas solitarias meditações. Como se operou a transformação d'aquelle grande espirito? Como passou do *Catão* para a *D. Branca*? Ah! se o *Magriço* tivesse escapado ao naufragio, quantas revelações elle nos não faria, porque o *Magriço* foi perfeitamente o poema da transição! Se elle houvesse escapado ao naufragio, escaparia comtudo á critica implacavel do seu proprio author, que sacrificava, sem piedade, como os Spartanos, os filhos litterarios rachiticos, enfezados ou coxos? Duvidamos. Basta comparar, sem fecharmos o livro do sr. Gomes de Amorim, os hendecassyllabos do principio do *Magriço* com uns versos que o proprio biographo cita do poema *Camões*. Os versos do *Magriço* são os seguintes:

Eu, no entrar da singela juventude,
Sem conhecer os homens, fui sincero.
Ardente coração, paixões fogosas,
Alma franca, de impulso me levaram
Aos paizes do cego enthusiasmo.
Por la cantei de amor pureza e mimos,
Doçuras de amizade, enlevos d'alma,
Heroismo, gloria, liberdade e amores
A' porfia na lyra me soaram;
E na alteza do espirito sublime
Só vi nos homens a verdade e a honra.
Experiencia fatal, tu me roubaste
A tão doce illusão, em que eu vivia!
Bordado véu de lisongeiro engano
Rasgou-m'o d'ante os olhos embaidos
C'o a descarnada mão secca verdade.
Tal como elle é, vi o homem! Aos meus olhos
De vergonha e de dó vieram lagrimas.
Chorei—tão louco fui! Só gargalhada
As loucuras do mundo nos merecem.

E assim foi que, attentando mais de perto,
Vi tanta asneira, vi tanta sandice
Que desatei a rir, por fim, de tudo.
D'Eraclito chorão deixei a escola,
E alegre sigo o pachorrão Democrito,
Quero rir com Diogenes, com elle
No cynico tonel entrincheirar-me
Contra as sandices d'este parvo mundo.

Tudo isto é frio, prolixo, prosaico, sem relevo. Lembra uma d'aquellas cartas pesadonas de Filinto ao amigo Brito. Falta-lhe o fino perfume, a donairosa elegancia dos versos do *Camões* e de *D. Branca*. Este ramo do principio do *Magriço* tem cheiro e côr, sem duvida, mas é ramo da praça da Figueira, a que vem pegado o seu raminho de salsa, e que faz sair de uma larga folha de couve as rosas banaes de todo o anno. Se querem saber como d'ahi a alguns mezes Garrett sabia entrançar delicadamente a nevada camelia com a fragrante violeta, oiçam estes versos que o sr. Gomes de Amorim poz, para melhor ser o contraste, a poucas paginas dos taes do *Magriço*:

Oh! serei eu nos sonhos do sepulchro
Entre o nada das cinzas, quando a noite,
Qualquer que seja o angulo do mundo
Em que meus pés se poisem, me não traga
Lembranças dos momentos deliciosos
Que, n'esse intercalar de dia e noite,
Da nebulosa Albion gozei nos campos,
Quando no berço teu, bardo sublime,
Inimitavel, unico, espraiava
Por infindas planicies d'alvo gelo
Os desleixados olhos e topava,
Ao cabo lá da vastidão, c'o as cimas
Das elevadas grympas que se aguçam
Sobre as arcadas simplices do templo,
Entre as choupanas da visinha aldeia;
E se me affigurava a mente alheada
Ouvir o canto funebre das harpas,
Que da sensivel Julieta ao tumulo
As nenias acompanham.

Vive Deus! Isto sim que são versos, e aqui ha que ver! como elle dizia nas *Folhas caidas* referindo-se, não a poesias, mas a mulheres. Quer-me parecer que as balas das baterias miguelistas, quando affundaram o *Magriço*, sabiam muito bem o que faziam. Sempre eram balas portuguezas por fim de contas. Viesse a *D. Branca* na bagagem, e nós veriamos se ella ia assim para as lamas do seu patrio Douro.

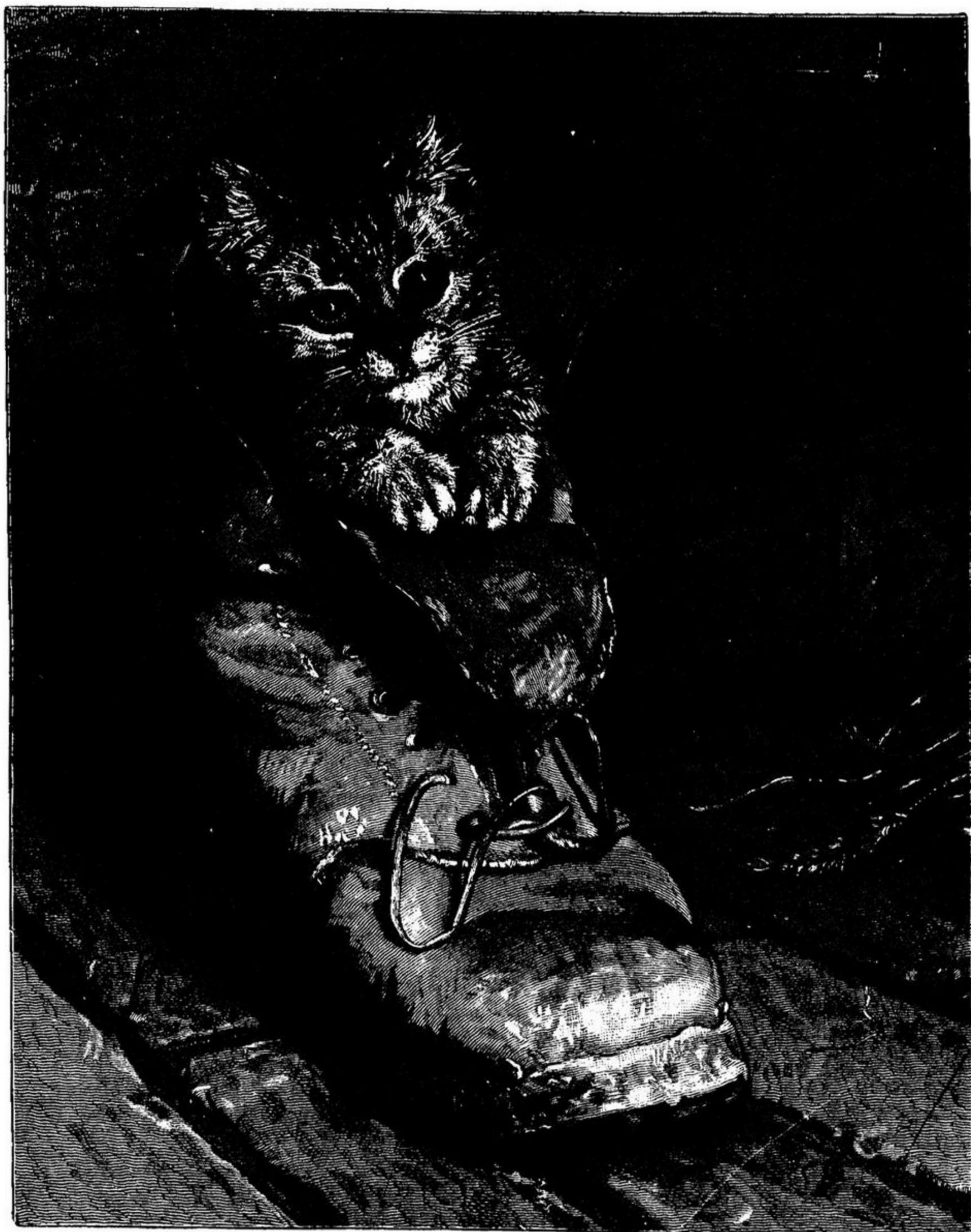
Mas, por isso mesmo que o *Magriço* me parece ficar muito áquem dos dois grandes poemas que nasceram pouco depois na alma de Garrett, é que lamento sinceramente a sua desapparição. Seria um admiravel documento litterario, e dar-nos-hia talvez a chave d'essa transformação que mal podemos comprehender, quando passamos dos versos classicos de muitos dos poemetos da *Lyrica de João Minimo* para a romantica pujança dos cantos de *D. Branca* e das elegias de *Camões*.

Corrâmos porém agora rapidamente pelos episodios da vida do poeta, para podermos n'um capitulo immediato estudar exclusivamente as transformações do seu espirito. Procurando debalde em Londres emprego em que trabalhasse, mendigando debalde do governo inglez o subsidio que em toda a parte governos hospitaleiros concedem aos emigrados politicos, Garrett viu-se obrigado emfim a acceitar um modesto emprego na succursal da casa Laffitte, no Havre, emprego que lhe obteve a affectuosa intervenção do seu amigo Antonio Joaquim Freire Marreco.

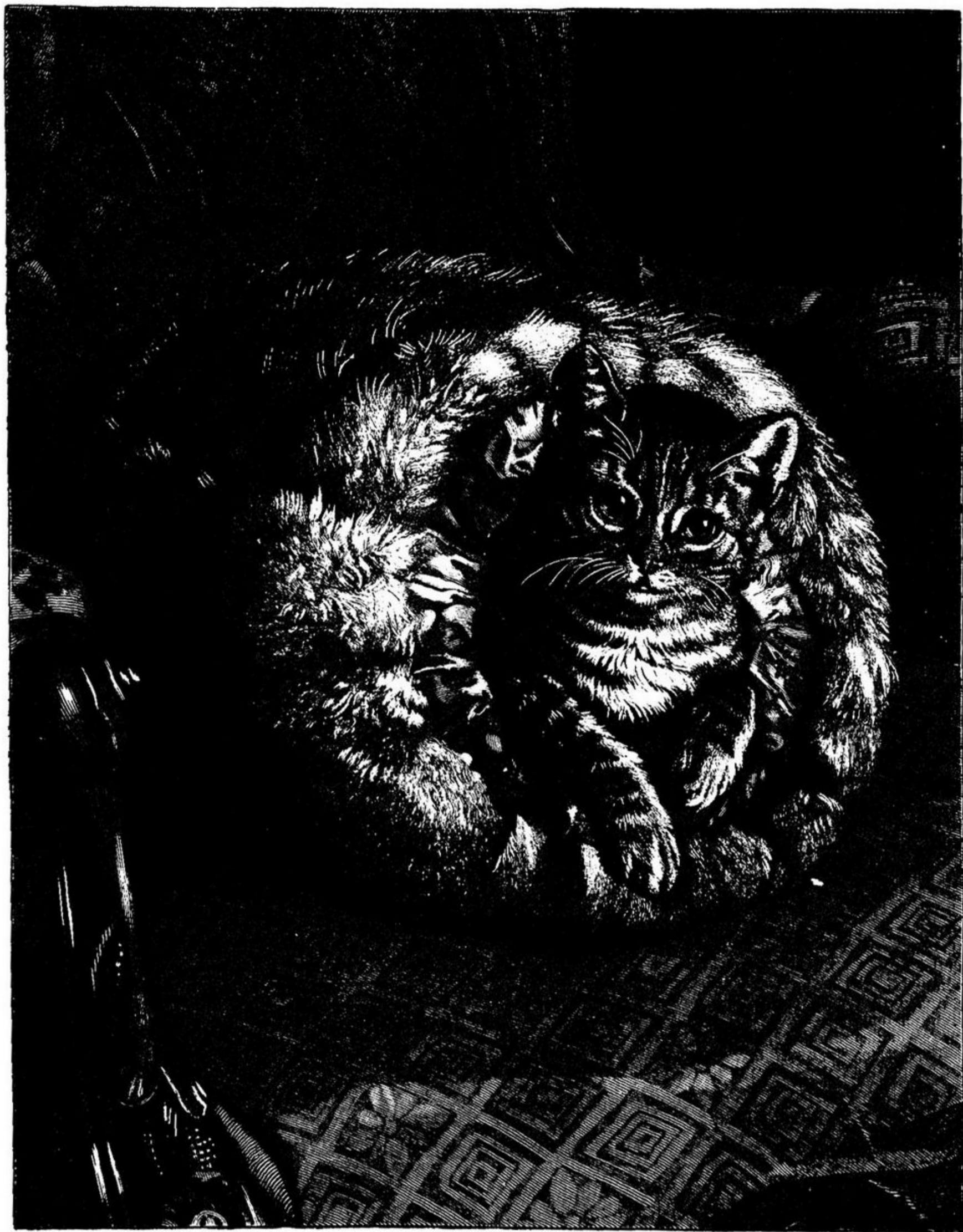
Consistia esse emprego em dar conta da correspondencia portugueza e brazileira da casa commercial em que entrava. Uma perseguição inexplicavel fez com que Garrett não fosse comprehendido na amnistia que se concedeu em 1824 aos implicados nos acontecimentos de 1820. Assim teve de continuar a occupar-se, para viver, do enfadonho trabalho que lhe tinham obtido. Residindo n'um arrabalde do Havre de Grace, chamado Ingouville, empregava os dias nas obrigações do escriptorio, e as noites na composição do *Camões* e da *D. Branca*. E' a Genesis d'estes dois poemas que vamos estudar no capitulo immediato.

PINHEIRO CHAGAS.

FORMA GREGA

N'um molde de finissima belleza
mostrava-me um artista, entre as figuras
de immortaes e correctas esculpturas
das nobres de Stambul e de Veneza—

QUARTEL DE VERÃO (Quadro de Frank Paton)

MAGDALENA TENTADORA

(Quadro de Ludwig Passini)

QUARTEL D'INVERNO (Quadro de Frank Paton)

– soberba nos encantos de Phriné
que o espirito de Athenas copiára,
uma altiva mulher—estatua rara.
a mais formosa n'esse *a'elier*.

Surpreso da potente maravilha,
desejei indagar quem fosse aquella
cujo olhar precioso nos humilha...

E o grande artista, abotoando a blusa,
me disse alegremente, que essa bella
era o retrato olympico da Musa!...

Coimbra.

ANTONIO FOGAÇA.

AS NOSSAS GRAVURAS

THOMAR. SANTA MARIA DO OLIVAL

A egreja de Santa Maria dos Olivaes, ou do Olival, na prelazia de Thomar, está situada fóra da cidade, além do rio Nabão.

Esta freguezia, como a de S. João Baptista, tem a prerogativa de collegiada, e gosa, além d'isso, das regalias de matriz. Foi cabeça das ordens do Templo e de Christo.

A invocação da Virgem, que d'ella é orago, é o mysterio da Assumpção, mas porque o edificio se acha cercado de olivaes, ha tomado o nome de *Santa Maria dos Olivaes*.

A frente é de architectura gothica; o interior, porém, é de singela construcção.

Ali estão sepultados os mestres das duas ordens acima referidas, em uma capella do corpo da egreja. Até aos reinados de D. Manuel e D. João III, cada um dos sepultados tinha tumulo especial, sendo alguns de boa construcção, mas com o pretexto de desobstruir a egreja de tantos mausoleus, praticou se o vandalismo de os desmoronar, fazendo-se a trasladação para uma só capella, como dissemos.

Perderam-se assim os epitaphios que estavam gravados nos sepulchros de tantos mortos illustres, ficando apenas os de Guaidim Paes e Lourenço Martins.

Na capella-mór ainda se vê a inscripção sepulchral de Gil Martins, primeiro mestre da ordem de Christo.

QUARTEL DE VERÃO

No verão tudo vae bem. Passa-se uma noite em qualquer parte, *à la belle etoile*, deitado a um canto sob o luar, tendo por abrigo o firmamento e por colxão a verde alfombra.

Quando se é gato, então, uma simples bota serve de quartel, e na falta de bota uma nesga de tapete, o beiral do telhado, um vão de janella, o poial do pote.

QUARTEL D'INVERNO

Quando os nordestes da invernia sopram rijos já não succede outro tanto: é preciso procurar conforto, envolver a animalidade n'umas coberturas tepidas, n'umas colxas felpudas, dormir muito aconchegado sobre divans, ou junto do fogão, onde crepita um fogo delicioso.

O bonito animalsinho da nossa gravura, um gato de bom gosto, habituado a viver entre os confortos do mundo feliz, é mais difficil de contentar.

Logo que o inverno chega, faz do regalo da dona gentil o seu quartel predilecto.

Elle bem sabe que ha, dentro d'aquelle ninho, perfumes embriagantes.

O patife não se perde.

MAGDALENA TENTADORA

O barro é fragil; e o homem, que participa da natureza do barro, tem, para todo o sempre, escripta em si aquella palavra fatal.

Não escapam ao nefasto dominio da fragilidade humana moços nem velhos. O quebradiço barro tanto se nos apresenta sob a fórma d'um rapaz como sob a d'um ancião respeitavel. Todos são frageis n'este mundo, e aquelle calvo sacrista do quadro está provando que se assemelha ao resto da humanidade.

Abeirou-se d'elle uma triste Magdalena arrependida. A desgraçada procura um ministro de Deus para depositar no sacrario da sua alma peccados que lhe pungem a consciencia. Farta de peccar, deseja entregar-se nos braços da religião. O seu arrependimento é sincero. Renuncia aos prazeres mundanos e está disposta a reconciliar-se com a Egreja, de que andava tresmalhada e arredia.

O sacrista, que a conheceu *ginjeira* e que não resiste á fascinação da sua belleza ideal, devora-a com olhos cupidos, sente-se inclinado a aconselhar-lhe que commetta mais um peccadilho antes de fugir para sempre ás tentações do demonio.

Se ella é tão tentadora!

EGUALANDO AS MEDIDAS

E' um garoto da peior especie, e por cima de garoto, guloso. Nas compras da manhã faz sempre os seus forrinhos, sem escrupulos de consciencia, e á volta para casa encarrega-se de provar os generos comprados, para ter a certeza—diz elle—de que o não illudiram na qualidade.

D'esta vez comprou leite em duas vazilhas, e como lhe parece que uma d'ellas vae mais cheia que a outra, trata de quebrar o jejum egualando as medidas.

Chamem-lhe lá tolo!

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

JULIÃO DE SENNA SARMENTO.—Lamego.—Procuraremos ser-lhe agradavel tanto quanto possivel, sem prejudicar os outros assignantes.

EXPEDIENTE

O Quebra-cabeças do nosso ultimo numero deve ler-se do seguinte modo:—Arranjar umas palavras cujas iniciaes e finaes formem dois reptis.

Como, por mero lapso, elle não sahiu enunciado d'esta fórma reservamos a sua decifração para o numero 31.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

O maior pronome, mata—1—1.

Na ave esta ave é um fructo—2—2.

THAUMATURGO.

Aqui este fructo é um tecido—1—2.

Aqui este mez dá-se no jogo—1—2.

CO. DELINHOS.

ELECTRICAS

A's direitas e ás avéssas governar—2.

A's direitas e ás avéssas apoquentar—2.

A's direitas animal e ás avéssas verbo—2.

Lisboa.

CORDELINHOS.

EM QUADRO

Entre vogaes dezeseis
do mesmo som e valor,
põe um verbo no imperfeito,
—o que se encontra nos circos;
—um adverbio podes pôr...
e fica o quadrado feito.

Bensafrim.

G.

(Por syllabas)

. . . Resguarda-te de tão forte vento,
. . . d'este animal feroz
. . . e d'esta mulher perversa.

MANACIO.

LOGOGRIPHO

(A Ricardo Marques)

E' homem bem conhecido—1—11—10—4—5—14—3—8—9—10—11
E de nação pertencente—3—6—1—9—2—3—6—13
Ajuntando este appellido—12-9—7—5—2
Verás cidade excellente.

J. SAID ODOLEEV.

ENIGMA

N.º 9

SALTO DE CAVALLO

de	py	Pa	an	e	quel	tem	ci
la	tes	um	las	plam	to	te	d'a
ra	ju	to	ta	to *	cen	xer	con
da	vras	gyp	tos	no	e	to	vin
lho	mi	ven	oi	te	a	vos	e
de	ba	se	E	no	ao	se	al
des	de	lha	po	ta	los	nha	ão
ta	Na	trin	mil	ga	le	Do *	cu

Começa a phrase n'um asterisco e termina no outro.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: —Enxovia—Historiador—Iniciação—Pala—Irmão—Machado—Aerea—Rodador—Sebes—Assa—Noveno—Salsada—Cordão—A m o r e i r a
m o r e i r a
o r b i t a
r e i n o
e i t o
i r a
r a
a

DO LOGOGRIPHO:—Calvo.

DO ENIGMA:—Andresa, Antonia, Augusta, Alberta } extremidades
Avelina, Adelina } as que cruzam

DO PROBLEMA:—Dez pessoas podem collocar-se a uma mesa de 362:880 maneiras differentes. Duas podem ficar juntas, achando-se os convivas de 80:640 modos diversos. Portanto, a probabilidade que Euphrasia e Belarmino teem de ficar um ao pé do outro, é $\frac{2}{9}$.

A RIR

Um convalescente agradecido:

—Doutor, não esquecerei nunca que lhe devo a vida!

—O que o meu amigo me deve são quinze visitas. E' isso o que eu desejo que não esqueça nunca.

*

Um Othello á sua Desdemona, que entra em casa ás 8 da manha.

—D'onde vens tu a semelhante hora?

—Fazia um neveeiro muito denso: perdi-me quando voltava de casa de minha tia, e tive de dormir na rua.

—Sósinha?

*

N'uma recita de curiosos:

Representa-se um dramalhão macrobio, em cujo ultimo acto a protogonista deve morrer, envenenada pelo amante. Chegou a grande scena. Os dois personagens acham-se no tablado. O galã perturba-se e segreda ao ouvido da dama:

—Esqueceu-me o frasco do veneno!

—Não importa! Mata-me d'uma punhalada ou d'um tiro, segreda a dama.

—Não tenho punhal nem pistola.

—E' o mesmo, mata-me; o publico está impaciente.

N'esta difficil conjunctura, o galã, subitamente inspirado, dá um forte pontapé na ingenua.

O ponto, pela terceira vez: —*Morro envenenada!*

A actriz, cahindo exanime:—Morro envenenada!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Para tirar o sarro dos dentes recommendamos aos nossos leitores o emprego do alumen em pó muito fino.

Limpando os dentes com esta substancia, uma vez cada dia, em dois ou tres dias terá desapparecido completamente o sarro.

Depois de cada operação lave-se a bocca com agua e assucar, para fazer desapparecer a adstringencia que o alumen produz.

CONTOS DA CARÓCHINHA

OS BEIJOS DE OURO

(CATULLE MENDÉS)

I

Ella cantava canções que as avesitas lhe tinham ensinado, mas a sua voz era muito mais melodiosa do que a dos passarinhos: elle tocava pandeiro como um bohemio: e assim iam pelos caminhos fóra, acompanhados da sua musica.

Quem eram elles? Eis uma pergunta a que não saberiam responder. Lembravam se apenas que nunca tinham dormido em uma cama ou comido em uma mesa. Pequenos, como os pardalitos implumes, encontraram-se um dia em uma estrada: ella vinha do matto, elle sahia de um fosso,—ambos abandonados por duas mães descaroaveis—apertaram a mão um do outro e riram-se.

Chovia n'esse dia; mas ao longe, uma banda do céo tingia-se de purpura: caminharam n'essa direcção e nunca mais deixaram de seguir o itinerario, marcado pelo céo luminoso. De certo teriam morrido de fome e de sede, se os regatos não dessedentassem os campos e se as boas camponezas não lhes atirassem, de vez em quando, uma codea de pão, duro de mais para ser comido pelas gallinhas.

Causava dó o aspecto, enfezado e pallido, dos dois pequeninos vagabundos.

Uma manhã,—tendo ambos entrado na adolescencia,—sentiram que se amavam. Desde então, o seu destino mudou. A miseria não conseguiu entristecel-os: sentiam-se felizes na desgraça: os amargos da pobreza diluiam-se nas doçuras do amor. Cobertos de farrapos, queimados pelo sol e alagados pela chuva, nem por isso invejavam as pessoas que usavam, no verão, frescos estofos, e no inverno, capas forradas de pelles. Jornadeavam todo o dia, percorrendo as povoações, parando nas praças, defronte das casas ricas, cujas janellas não raro se abriam: e defronte das estalagens, onde abancavam os camponezes: ella cantava, elle tocava pandeiro: se lhes davam alguns soldos,—o que succedia frequentes vezes, devido ao seu aspecto insinuante,—ficavam contentissimos: mas nunca se affligiam, se a colheita era improficua. Deitavam-se em jejum, com o estomago vazio e o coração cheio: nem são dignos de lastima os famintos, a quem o amor offerece, á noite, sob a palpitação das estrellas, o divino maná dos beijos.

II

Chegou, porém, um dia em que ambos se sentiram profundamente tristes. Cahia neve, o frio retalhava as carnes: não tendo recebido, havia tres dias, nenhuma esmola, cambaleantes, exhaustos, refugiaram-se em uma granja, fustigada pelo vento. Debalde trocaram ardentes caricias: os seus labios, mesmo unidos, lembravam-se de que não tinham comido. E o desespero do presente exacerbava a angustia do futuro. Que fariam, que seria d'elles, se a caridade não os soccorresse? Tão moços, e haviam de morrer assim, abandonados por todos, estendidos nas pedras, menos duras do que o coração dos homens!

—Será possivel, disse ella, que a Providencia nos negue o que dá a toda a gente: lume para se aquecer e um bocado de pão para se alimentar? E' triste lembrar-se uma pessoa que em quanto tantos dormem regaladamente, dentro de boas casas agasalhadas e quentes, nós estamos aqui, tremulos de frio, como avesinhas sem pennas e sem ninho!

Elle não respondeu: chorava.

De repente, afigurou-se-lhes que tinham morrido e que entravam no paraizo; a granja illuminou-se, resplandecente como o astro do dia; uma dama, formosa como um anjo, vestida de brocado verde, empunhando uma varinha de ouro, approximou-se.

—Pobres pequenos, disse ella, o vosso infortunio commoveu-me e quero proteger-vos. Depois de haverdes sido mais pobres do que os mais miseraveis, sereis mais opulentos do que os mais ricos; os vossos thesouros serão tão copiosos, que não achareis

n'este paiz um numero de cofres sufficiente para os encerrar.

Os bohemios julgaram-se victimas de um sonho.

—Saibam que eu sou uma fada, cujo poder é illimitado. D'hoje em diante, sempre que qualquer de vós abrir a bocca, sahirá d'ella uma peça de ouro: depende pois da vossa vontade possuirdes tantas riquezas, quantas appetecerdes.

Dizendo estas palavras, a fada desappareceu: e como, em virtude d'este prodigio, os dois ficassem mudos de assombro, de bocca aberta, cahiram-lhe dos labios, ducados, sequins, florins, dobrões, e tantas bellas moedas, que pareciam uma chuva de ouro.

EGUALANDO AS MEDIDAS

III

Não tardou que se divulgasse no mundo a fama de um principe e de uma princeza, que habitavam um palacio grande como uma cidade e deslumbrante como um céo constellado de estrellas: as paredes d'esse palacio, construidas dos marmores mais raros, eram incrustadas de pedrarias. O aspecto exterior do edificio não era nada a par das suas magnificencias internas.

Seria um nunca acabar, se se tentasse descrever todos os moveis preciosos, todas as estatuas de ouro que decoravam as salas, todos os lustres de pedrarias que scintillavam, suspensos dos tectos. Os olhos cegavam ao encararem tantas maravilhas. Os proprietarios davam ahi festas, que eram reputadas incomparaveis. Mezas tão compridas, que poderiam dar logar a um povo inteiro, ostentavam uma exuberancia de manjares delicadissimos e de vinhos raros; os escudeiros trinchavam os faisões da Tartaria em pratos de ouro; os copeiros deitavam o vinho das Canarias em taças feitas de uma só pedra fina.

Se algum pobre diabo faminto entrasse de repente na casa de jantar, enlouqueceria de surpreza e de jubilo. Como era de presumir, não faltavam convivas para admirarem e louvarem de todas as maneiras os amphitriões, que os recebiam com tão extraordinaria pompa. E o que ainda mais contribuia para exaltar a alegria dos convivas, era o galante phenomeno do principe e da princeza não abrirem nunca a bôca para comerem ou fallarem, que não brotassem de seus labios peças de oiro; os creados apanhavam as moedas, enchiam elegantes cestos, e distribuiam-as, depois da sobremeza, a todas as pessoas presentes.

A fama de tanta riqueza e generosidade espalhou-se a ponto que chegou ao paiz das Fadas; uma d'ellas,—a que tinha apparecido vestida de brocado, na granja exposta ao vento,—formou o projecto de visitar os seus protegidos, afim de ver de perto a felicidade que lhes déra e receber os seus agradecimentos.

Mas quando entrou, á noute, no quarto sumptuoso onde o principe e a princeza acabavam de recolher-se, ficou profundamente admirada! Longe de testemunhar-lhe alegria e de agradecer-lhe, elles ajoelharam-lhe aos pés, derramando abundantes lagrimas, soluçando dolorosamente.

—O que significa isto? perguntou a fada. Será possivel que não estejaes satisfeitos com a vossa sorte?

—Ai de nós! boa fada, nós somos tão infelizes que morreremos de desgosto, se acaso não merecermos a vossa compaixão.

—Dar-se-ha caso que não vos julgueis sufficientemente ricos?

—Demasiado o somos nós!

—Desagradar-vos-ha verdes sempre cair da bôca peças de oiro, e preferirieis, talvez, para variar, que eu faça brotar dos vossos labios diamantes e saphiras, grandes como ovos de rôla?

—De modo algum!

—Dizei então o que vos afflige, porque eu não o saberei adivinhar.

—Grande fada, é muito agradavel aquecer-se a gente quando tem frio, dormir em um leito de pennas, comer o que lhe appetece, mas ha uma cousa superior a todos esses gosos: é beijar a bôca do ente amado! Desde que nos fizestes ricos, nunca mais, ai de nós! experimentámos essa felicidade! Cada vez que os nossos labios se unem, saiem d'elles detestaveis sequins, ou horriveis ducados, e é só o oiro que nós beijamos!

—Ah! volveu a fada, não tinha pensado n'esse inconveniente.

Mas não conheço remedio para esse mal, e é mister que vos resigneis.

—Nunca! Compadecei-vos do nosso infortunio. Não seria possivel retirar-nos o terrivel dom que nos concedestes?

—De certo que é. Mas advirto-vos que não só perdereis a faculdade de espalhar ouro, como ficareis privados de todas as riquezas que possuis.

—Que nos importa?

—Seja assim, disse a fada, faça-se a vossa vontade!

A fada bateu com a varinha, e elles acharam-se de repente perdidos na estrada, deitados na granja exposta ao vento e volvidos á sua intima miseria. Famintos, maltrapilhos, tremulos de frio, como as avesinhas sem pennas e sem ninho, os seus labios encontraram-se e o beijo restituiu-lhes a perdida felicidade.

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA